



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

Andrade Melo, Victor

O golfe e os rumos do Cabo Verde independente

Estudos Ibero-Americanos, vol. 42, núm. 3, septiembre-diciembre, 2016, pp. 888-912

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134648568005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O golfe e os rumos do Cabo Verde independente*

Golfing and the independent Cape Verde directions

El golf y los caminos del Cabo Verde independiente

Victor Andrade Melo**

Resumo: Em função de uma série de peculiaridades, o golfe tem desempenhado um importante papel na história de Cabo Verde. A prática, que tem uma longa trajetória no arquipélago, em diversas ocasiões foi mobilizada a fim de materializar a ideia de que o cabo-verdiano era portador de um alto padrão civilizacional. No período colonial, essa foi uma das estratégias pelos nativos usada para lidar com o jugo da metrópole, argumento utilizado para requisitar maior respeito às especificidades e atenção às necessidades locais. O que terá mudado nas considerações sobre esse esporte quando chegou a independência (1975)? Que diferenças podem ser sentidas nas décadas seguintes? Neste artigo, argumentamos que os discursos sobre a modalidade nos ajudam a lançar um olhar sobre os debates acerca dos rumos do país insular nos últimos 40 anos.

Palavras-chave: Cabo Verde; esporte; independência; identidade

Abstract: Due to a number of peculiarities, golf has played an important role in the Cape Verde history. This sport, that has a long trajectory in the archipelago, on several occasions was mobilized in order to materialize the idea that capeverdian was carrying a high standard of civilization. In the colonial period, this was one of the strategies used by the natives in dealing with colonial rule and request to the metropolis more respect to the specificities and attention to local needs. What will have changed in consideration of this sport when the independence came (1975)? What differences can be felt in the following decades? In this article, we argue that the discourse on the golf help us have a look at the debates about the direction of Cape Verde in the last 40 years.

Keywords: Cape Verde; sport; independence; identity

*Este artigo é um dos resultados do projeto “Esporte, Colonialismo e Pós-Colonialismo nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa”, desenvolvido com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Edital nº 18/2007/CPLP, Edital nº 13/2008/CPLP, Edital nº 37/2010/CPLP). O texto revisita antigas reflexões publicadas em outras ocasiões, originadas de uma investigação sobre o esporte em Cabo Verde.

**Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). <victor.a.melo@uol.com.br>

Resumen: Debido a una serie de peculiaridades, golf ha desarrollado un importante papel en la historia de Cabo Verde. Este deporte, que tiene una larga historia en Cabo Verde, en diversas ocasiones ha sido movilizado con el fin de materializar la idea de que el cabo-verdiano es alguien civilizado. En el periodo colonial, esa ha sido una de las estrategias para hacer frente al poder colonial y solicitar más atención y respecto a las necesidades locales ¿Qué cambio hubo en las consideraciones acerca de la modalidad con la llegada de la independencia (1975)? ¿Qué diferencias se puede sentir en las décadas siguientes? En este artículo, se sostiene que los discursos sobre el golf nos ayudan a lanzar una mirada sobre los debates acerca de los caminos de Cabo Verde en los últimos 40 años.

Palabras clave: Cabo Verde; deporte; independencia; identidad

Introdução

É possível pensar os caminhos trilhados por um país a partir de uma de suas manifestações culturais? A resposta à questão exige pelo menos dois cuidados. O primeiro é ter em conta sua mobilização no decorrer da história, o envolvimento de lideranças a forjar narrativas sobre o objeto, bem como a capacidade de espraiamento desses olhares para o grande conjunto da população. O segundo é nunca deixar de considerar tais apreensões como representações, que têm algum grau de conexão com o que ocorre no cotidiano, mas são construções ideais dedicadas a fortalecer a “comunidade imaginada”, a traduzir por meio de símbolos a ideia de nação¹.

Um exemplo são alguns dos usuais discursos acerca do futebol no Brasil. A partir de uma peculiar apreensão freyreana – vale lembrar que o sociólogo se debruçou sobre o tema em algumas crônicas, inclusive uma considerada fundante de uma forma de observá-lo, “Foot-ball Mulato”, publicada no Diário de Pernambuco, em 1938 –, certos cronistas (um dos mais notórios foi Mário Filho) construíram a ideia de que os brasileiros desenvolveram um jeito específico de jogar, que teria encantado o mundo. Tratar-se-ia de uma estratégia de subversão dos sentidos originais da modalidade, quase uma inversão de valores, somente possível graças ao fato de que seríamos um povo forjado no encontro de três diferentes raças.

Já há muitas críticas e avaliações dessa representação². De toda forma, parece inegável que logrou certa penetrabilidade, certa legitimidade nos mais diferentes âmbitos sociais. Vale considerar que

¹ Para um debate sobre as narrativas de construção da nação, ver Anderson (1991).

² Entre outros autores, ver Soares (2003) e Maranhão (2006).

houve outras ilações sobre as relações entre o futebol e certos projetos de nação, entre os quais se destaca o olhar de Nélson Rodrigues³.

Em muitos outros países, há processos semelhantes, com ênfases distintas, com modalidades diferenciadas. Neste artigo, argumentaremos que, no caso de Cabo Verde, os discursos sobre o golfe nos ajudam a lançar um olhar sobre os debates acerca dos rumos do país no período pós-independência.

O golfe tem desempenhado um importante papel na história de Cabo Verde. Vale lembrar que não foi a única colônia portuguesa na qual se desenvolveu a modalidade. Angola e Moçambique também tiveram seus clubes. No arquipélago, todavia, há uma série de peculiaridades, inclusive o fato de que, em função das condições climáticas, das características do solo e da escassez de água e, logo, das consequentes dificuldades para cultivar grama, os campos nunca foram exatamente *greens*, mas sim *browns* (de terra).

A despeito desses potenciais limitantes, a modalidade tem uma longa trajetória em Cabo Verde. As primeiras ocorrências podem ser encontradas já nos anos 1850, quando dirigentes de uma empresa britânica de carvão, que se instalara em São Vicente, construíram um campo (PAPINI, 1982). No decorrer do tempo, foram criadas várias agremiações, com destaque para o St. Vicent Golf Club (1920) – formado majoritariamente por estrangeiros; o Lord Golf Club (1938) – integrado por nativos; e o Clube de Golfe de São Vicente (1940) – liderado por colonos portugueses. Os três foram as origens do atual Clube de Golfe de São Vicente, que segue ativo e promovendo com frequência torneios no seu fascinante campo de terra⁴.

Porque é que, desde o século XIX, o golfe (e outras modalidades) se desenvolveu com sensível intensidade em Mindelo, na Ilha de São Vicente? Deve-se considerar que a cidade ocupou um espaço relevante no processo de expansão do comércio internacional no decorrer daquela centúria. Como sua baía estava no caminho de importantes rotas navais e possuía boas condições de receber embarcações de grande porte, acolheu depósitos de carvão e outros serviços ligados à navegação. Além disso, por lá se instalou a Western Telegraph, que construiu linhas telegráficas entre Cabo Verde, o Brasil e a Europa⁵.

³ Um debate sobre esse tema pode ser encontrado na obra de Antunes (2004).

⁴ Para mais informações sobre o Clube, ver Barros (1981) e Melo (2011).

⁵ Para um olhar mais detido sobre o cenário de Mindelo no século XIX, ver Martins (1891), Papini (1982), Silva (1998), Silva (2000) e Ramos (2003).

Esse novo trânsito econômico e de pessoas, inclusive muitos estrangeiros – notadamente britânicos –, promoveu um desenvolvimento cultural na cidade, do qual fez parte o esporte. Houve espaços de interface que possibilitaram os nativos a tomar conhecimento de certas práticas, o que os estimulou a criar suas experiências próprias (MELO, 2011).

Se foi importante a estruturação de uma sociedade com característica mais urbana e sintonizada com o cenário internacional, induzindo à melhor conformação de um mercado ao redor dos entretenimentos, não se deve negligenciar que o envolvimento dos cabo-verdianos com o esporte também teve relação com o fato de que foram desenvolvendo estratégias para lidar com a dubiedade do processo colonial português (que sobrepunha as noções de império e nação) e a fraca presença do colonizador no território.

Essa postura ativa teve a ver com o fato de que, em função de algumas particularidades, inclusive a gestação precoce de iniciativas educacionais, conformou-se, na transição dos séculos XIX e XX, uma elite intelectual que foi construindo um discurso sobre as peculiaridades do arquipélago, sobre o jeito cabo-verdiano de ser. Para José dos Anjos (2006):

A narrativa dominante sobre a identidade nacional cabo-verdiana pode ser formulada em poucas palavras: Cabo Verde era um arquipélago despovoado até a chegada dos portugueses no século XVI; colonos portugueses e escravos originários de várias etnias africanas se misturaram ao longo de cinco séculos dando origem a uma raça e cultura específicas – a cultura crioula, e o mestiço como tipo humano essencialmente diferente tanto do europeu como do africano (ANJOS, 2006, p. 21).

O envolvimento com o esporte, bem como sua mobilização discursiva, tiveram também em conta a necessidade de materialização do discurso identitário. Processo semelhante se deu com outras manifestações culturais, como a língua e a música. Não se tratou de uma estratégia de busca da independência, mas sim de esgrimir argumentos para requisitar à metrópole maior respeito e atenção às necessidades locais. Esse tipo de postura, sugere Gabriel Fernandes (2006), conformou-se como “uma luta não propriamente contra a soberania nacional, mas contra o trato colonial. Ou seja, aceita-se os pressupostos nacionalizantes, mas propugna-se a eliminação dos marcos diferenciais legitimadores das práticas coloniais” (FERNANDES, 2006, p. 42).

Podemos sugerir que o esporte foi mobilizado como uma forma de apresentar o cabo-verdiano, para dentro do arquipélago e para a metrópole, como alguém civilizado, mais uma confirmação de que não deveria passar por certos procedimentos coloniais⁶. Pode ser, assim, considerado como uma das estratégias que contribuiu para a “reavaliação das bases de legitimação e lealdade nacionais, para a reinterpretação dos seus sentidos e prática para a (re)emergência de novos sujeitos” (FERNANDES, 2006, p. 33).

Vale destacar que a metrópole em boa medida reconheceu esse argumento, excluindo o arquipélago de certas intervenções e mesmo indicando cabo-verdianos para ocupar postos na administração do Império, em Cabo Verde, outras colônias e mesmo no Portugal europeu. Da mesma forma, esses discursos identitários que começaram a ser forçados no século XIX foram sendo aperfeiçoados (sempre com tensões e contrapontos) e lograram sensível grau de convencimento e penetração popular.

Obviamente que o envolvimento dos cabo-verdianos com o esporte não se deu somente por esses motivos, que provavelmente sequer eram tão explícitos assim. A busca de diversão era certamente um importante agente motivador. Da mesma forma, a despeito dos discursos, havia claras diferenças no tocante à participação dos diversos estratos sociais, sendo o golfe e o críquete (outra modalidade que em Mindelo se desenvolveu já no século XIX por influência dos britânicos) preferidos pelos economicamente mais privilegiados, enquanto o futebol era mais praticado pelos populares.

De toda forma, agregada aos discursos sobre a “cabo-verdianidade”, se construiu uma representação de que um dos únicos lugares do mundo onde pode-se encontrar um golfe popular é Mindelo (na verdade, Cabo Verde, considerando-se a cidade como expressão do arquipélago, algo que não foi pacífico e, no decorrer do tempo, foi fonte de vários conflitos, até mesmo porque a capital sempre se localizou na Ilha de Santiago, inicialmente a Cidade Velha, depois Praia).

Essa compreensão se tornou mais comum nos anos 1960. Nuno de Miranda, natural de São Vicente, uma das lideranças intelectuais de Cabo Verde, envolvido com os importantes movimentos literários que se estruturaram ao redor das revistas *Claridade* e *Certeza*, assim definiu as características dos nativos:

⁶ Em muitos momentos, houve a esse respeito um discurso positivo acerca da mestiçagem. Vale ter em conta que o pensamento do já citado Gilberto Freyre teve impacto significativo entre alguns intelectuais cabo-verdianos no período colonial. Sobre a peculiaridade dessa apreensão, ver Anjos (2003) e Furtado (2013).

certa displicência no traje, principalmente no vestuário masculino, o cumprimento limitado a um aceno de mão, na forma de um alô que arreda o portuguesíssimo aperto de mão, a generalidade da prática do tênis, do golfe, do críquete, desportos mais ou menos aristocratizantes para quem os pratica, mas que em Cabo Verde se divorciam de tal conceito, na medida em que se deixam permeabilizar por todos os escalonamentos sociais até alcançarem empregados de escritório e balcão (MIRANDA, 1963, p. 37).

Já Antero Barros, que se tornou uma das principais lideranças políticas e esportivas do arquipélago no período final do colonialismo e no segundo momento do país independente, dessa maneira exaltou a agremiação da modalidade:

O clube de golfe de São Vicente deve ser um caso único no globo: o fenômeno de democratização humana é perfeito neste clube onde se pratica a modalidade esportiva mais aristocrática do mundo (...). Aqui neste clube, professores do Liceu, médicos, engenheiros, comerciantes, industriais, patrões, empregados comerciais, enfermeiros, operários, afinando pelo mesmo diapasão – a sinceridade – jogando lado a lado, almoçam à mesma mesa e trocam impressões sobre os problemas mais importantes da vida cotidiana, com um pensamento comum: ser útil a Cabo Verde e a sua pátria: Portugal (ARQUIPÉLAGO, 1962, p. 4).

Com tamanha relação estabelecida com a metrópole e tratando-se de um esporte cuja representação é ser de elite, a despeito dos discursos contrários, devemos nos perguntar: que tratamento terá recebido o golfe quando chegou a independência?

Novos olhares no pós-independência

A independência chegou de forma um tanto surpreendente ao arquipélago. Não que a ideia fosse uma completa novidade, já que há alguns anos estava sendo aventada nas lutas que o Partido Africano Para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) conduziu com sucesso na Guiné Portuguesa, tendo inclusive cabo-verdianos como líderes. Era, contudo, restrita a repercussão desse movimento nas ilhas.

Os meses que antecederam o dia da independência, 5 de julho de 1975, foram marcados por muitas tensões entre grupos diversos que se organizaram para tentar interferir no futuro de Cabo Verde.

Algumas lideranças, inclusive, se mostravam simpáticas à proposta de Portugal de manter o arquipélago como parte do país, com um estatuto similar ao que seria adotado pelos Açores e pela Madeira. O que ocorre é que foi intenso o simbolismo que acompanhava os que vieram vitoriosos da guerra na Guiné. Além disso, esses contaram com a simpatia e o beneplácito dos portugueses ligados ao Movimento das Forças Armadas (MFA), que tiveram influência no processo de transição definitivamente desencadeado no pós 25 de abril⁷.

Ao assumir o poder no Cabo Verde independente, o PAIGC tinha vários desafios, para além de não concitar unanimidade. O grande líder e mentor, Amílcar Cabral, estava morto. O antigo colonizador estava em ebulição e com poucos recursos para ajudar. Os cofres da nova nação estavam vazios. Mais ainda, havia que se forjar uma nacionalidade em grande medida distinta e mesmo oposta à linha de construção identitária que vinha se conformando desde o século XIX. A ideia de “africanidade”, por exemplo, tão presente nos discursos da nova direção, era no mínimo pouco convincente, para não dizer algo de esdrúxulo para alguns cabo-verdianos.

Entre tantos temas que teve que tratar o PAIGC, o esporte não era de importância menor. Ainda que não fosse uma necessidade vital – como alimentação e moradia – o fato é que, como vimos introdutoriamente, já se desenvolvera no arquipélago uma forte cultura esportiva, bastante articulada com as construções identitárias entabuladas no decorrer do tempo. Basta dizer que uma parte da intelectualidade cabo-verdiana teve algum grau de envolvimento com a prática, entre os quais Baltasar Lopes, Gabriel Mariano e mesmo Amílcar Cabral (MELO, 2011)⁸.

O trato do esporte por parte do novo governo não foi distinto do que se encaminhou em outros âmbitos, enfatizando-se uma condenação do passado, condição *sine qua non* estabelecida para a construção de uma nova mentalidade perspectivada para o jovem país. Desde o período de transição se considerou que o modelo de prática esportiva adotado era um exemplo dos desvios do colonialismo, por isso devendo ser combatido e reformulado. Expressão desse olhar é um posicionamento de A. Correia e Silva:

⁷ Para mais informações sobre o processo de independência, ver Lopes (2002) e Pereira (2003).

⁸ Para um olhar sobre o envolvimento de Amílcar Cabral com a prática esportiva, ver também Melo (2015).

Não é novidade afirmar que o desporto entre nós está em crise: sempre esteve. Crise de valores. De jogadores. De árbitros. De dirigentes. As poucas exceções não contam. A ‘futebolite’ é epidêmica. Tudo doente. Mas, sobretudo, crise de estrutura. Pior que os doentes é a doença (SILVA, 1974, p. 9)⁹.

Para o cronista: “O que se passa no âmbito desportivo é o que também acontece noutros aspectos da vida social, ou dito inversamente. Para evitar doentes, só eliminando a doença” (SILVA, 1974, p. 9). Trata-se de um ponto de vista marcado pela efervescência de um processo de transição no qual, para alguns, deveria se promover muitas rupturas.

Entre 1975 e 1977, as lideranças do PAIGC foram apresentando suas propostas para o esporte. Uma delas era substituir o que consideravam supervalorização das competições por “um difícil trabalho de sensibilização e mentalização das pessoas em relação aos benefícios e necessidade de uma prática desportiva livre” (NOVO JORNAL DE CABO VERDE, 1975, p. 7)¹⁰. Outra era ampliar o debate sobre a construção de linhas de ação, bem como a administração do campo. De forma bem imprecisa, sugeria-se um processo de democratização.

Uma posição mais bem concebida foi publicada no Voz di Povo¹¹ de 21 de novembro de 1975, com o título de “Por um desporto novo” (VOZ DI POVO, 21 nov. 1975, p. 4). Claramente tratava-se de uma conexão com as propagadas ideias de construção do “novo homem cabo-verdiano”, partindo do princípio de que a burguesia deveria se sacrificar para permitir que o governo pudesse “encontrar vias ascendentes da sua cultura e se habilitasse a contribuir para o desenvolvimento do seu entorno e de toda a humanidade” (FERNANDES, 2006, p. 207).

A compreensão sobre o esporte estava plenamente adequada à linha de ação geral do PAIGC: o uso de rituais e discursos típicos do nacionalismo, o estímulo ao ódio em relação a supostos inimigos, a oposição à pequena burguesia e intelectuais (ANJOS, 2006). Essa linha de

⁹ O Alerta!, dirigido por David Almada, teve vida, até mesmo por se assumir como “anticolonialista, antifascista, antiburguês, revolucionário, pró-africano e pelo PAIGC” (OLIVEIRA, 1998, p. 593) em um momento em que se fazia necessário, pelo menos nos discursos, um pouco mais de equilíbrio em função da situação de transição.

¹⁰ O Novo Jornal de Cabo Verde foi editado entre agosto de 1974 e julho de 1975, período de preparação da independência. Majoritariamente fazia referência ao futuro do país, sendo claramente perceptíveis os embates e as tensões entre os diversos grupos políticos locais.

¹¹ Voz di Povo substituiu o Novo Jornal de Cabo Verde e publicava majoritariamente os pontos de vista do partido único.

entendimento encontraria resistências e desagradaria muitos envolvidos com o campo, notadamente as históricas lideranças esportivas.

Houve, de fato, muita indisposição com antigas, correntes e influentes compreensões sobre a prática esportiva, inclusive no que tange à grande presença social do futebol e à prática do golfe em Mindelo. Para além das representações que cercavam a modalidade – considerada de elite – há que se ter em conta que na Ilha de São Vicente, onde a prática se estabeleceu com maior intensidade, se encontravam os grupos que mais resistiram à ascensão do PAIGC.

Depois de dois anos claudicando na implementação dessa nova política esportiva, tendo fracassado por motivos diversos, entre os quais a falta de experiência e recursos, mas também as já citadas resistências dos envolvidos com o campo, o partido único começou a fazer algumas concessões.

Se os discursos dos dirigentes não mudaram completamente, na prática se tomaram mais atitudes para pôr em marcha algumas ações. Destaca-se uma certa conciliação com as lideranças de São Vicente, que tinham mais conhecimento de causa e inserção no campo. Até mesmo por isso, se entabularam outros olhares sobre modalidades que a princípio foram relegadas ao segundo plano.

No caso do golfe, nas comemorações do terceiro aniversário de independência foi organizado um torneio internacional. Mais ainda, se começou a construir um discurso acerca da modalidade que curiosamente se aproximava da visão corrente no período colonial, a de que em Cabo Verde todos poderiam praticá-la. Afirma um jornalista, cheio de cuidados

O golfe é uma modalidade desportiva de longa tradição em Cabo Verde e que atingiu um nível excelente, razão porque deve ser apoiado e incentivado. Uma certa acusação de elitismo e de “ricaços” aos seus praticantes não nos parece fundamentada, na medida em que os clubes existentes, na Praia e em São Vicente, têm as suas portas abertas a todos os interessados na prática salutar deste desporto (VOZ DI POVO, 1979, p. 10)¹².

A tensão com a linha de ação do PAIGC se fez especialmente sentir a partir do momento em que surgiu a necessidade de preparar uma seleção de futebol para tomar parte na Taça Amílcar Cabral, campeonato

¹² Para comprovar a afirmação, informou-se que venceu um torneio José Borges, funcionário do Clube de Golfe e Tênis de Praia, filho de um trabalhador da alfândega e de uma empregada doméstica.

organizado pela Guiné-Bissau, envolvendo vários países da região oeste do continente africano, promovido pela primeira vez em 1979.

Se a expectativa era diminuir o valor da competição, como não ter em conta um torneio que levava o nome do fundador da nacionalidade, ainda mais organizado pelo país com o qual Cabo Verde mantinha a ideia de forjar um Estado binacional¹³? Da mesma forma, não bastaria só participar, pois a imagem da nação estava em jogo em uma contenda internacional. Além disso, a notícia de realização da disputa aumentou a expectativa interna, colocando em xeque as ações governamentais¹⁴.

Em 1980, o quadro de mudança na política esportiva se tornou mais perceptível. Começaram a recuperar protagonismo antigas lideranças do período colonial, algumas que se encontravam até mesmo fora do arquipélago. Maior impacto teve, no final do ano, a crise da Guiné que culminou com a deposição de Luiz Cabral. Romperam-se os laços entre os países, criou-se o PAICV (Partido Africano para Independência de Cabo Verde) e teve início uma nova fase para a jovem nação. Vale ter em conta o que sugere Furtado (2013):

esta reafrikanização dos espíritos nunca conseguiu impor-se de forma consensual, embora tenha sido hegemônica, particularmente, no contexto cabo-verdiano, na primeira década da independência. Na verdade, se com a independência, em nível interno, se verificaria uma relativa tranquilidade nos embates sobre as disputas pela imposição de narrativas identitárias hegemônicas e legítimas nas diásporas cabo-verdianas, para onde uma parte significativa dos ‘vencidos’ havia encontrado refúgio, a contestação se mantinha. É verdade que o regime político buscou, com grau de sucesso variado, ‘cooptar’ parte dos considerados antiafricanistas (FURTADO, 2013, p. 8).

Com o decorrer do tempo, se relativizaram, sem que fossem abandonados, alguns pressupostos do PAIGC, especialmente no que tange ao forjar de uma identidade africana que anulasse a construção identitária anterior: “com o fim da unidade, criaram-se as bases para uma paulatina desideologização da cultura, possibilitando o resgate parcial dos achados culturais claridosos, antes votados ao ostracismo, sem perda

¹³ No pós independência, em função mesmo das características das lutas protagonizadas pelo PAIGC, gestou-se a ideia de que Cabo Verde e Guiné Bissau integrariam um Estado único.

¹⁴ A Taça Amílcar Cabral foi durante mais de uma década um importante interveniente na política esportiva de Cabo Verde. Para mais informações, ver Melo e Fortes (2014).

relativa para a herança afro-negra reabilitada” (FERNANDES, 2006, p. 235).

O passado voltaria a ser valorizado, de forma ressignificada, apontando um caminho reconciliado para a nação. Como sugere Anjos:

Até a década de 1980, a elite do PAIGC buscou enfatizar a importância dos “combatentes” que, da mata da Guiné, teriam trazido a liberdade, minimizando o papel concorrente da luta dos seus quadros da clandestinidade que continuaram no arquipélago. Entre oitenta e noventa se destacou a importância dos movimentos culturais anteriores do PAIGC no processo de formação da nação cabo-verdiana (ANJOS, 2006, p. 197).

Nesse cenário, voltou à evidência o golfe, destacando-se as iniciativas de dois antigos líderes do período colonial, Antero Barros e Baltasar Lopes.

Recuperando discursos

Na década de 1970, Barros viveu alguns anos em Angola. Em 1978, se deslocou para os Estados Unidos. Retornou a Cabo Verde, em 1980, a convite do governo, para auxiliar na organização do setor esportivo. Tornar-se-ia um dos principais agentes do campo, dirigente de vários órgãos, fundador e presidente durante anos do Comitê Olímpico do país.

Em uma de suas primeiras posições públicas, retomou sua costumeira exaltação da qualidade do golfe cabo-verdiano, celebrando que os atletas locais tinham vencido portugueses em um torneio internacional, para ele uma prova de que a modalidade era mesmo a mais notável do arquipélago (VOZ DI POVO, 1980, p. 6).

Muito interessante, e sinal dos novos tempos, é seu discurso proferido por ocasião de homenagem que recebeu do Clube de Golfe de São Vicente. Nos primeiros instantes de sua fala, percebe-se a mudança no cenário nacional, a observação de que uma transição estava em curso naquela virada de décadas: “Começo por informar-vos que (...) está-se a dar ao nosso desporto uma nova estrutura, imprimindo-lhe uma nova filosofia, melhor adaptada às nossas realidades e às nossas necessidades” (BARROS, 1981, p. 15).

Em seu discurso, convoca a todos a se envolverem com a consolidação da independência, deixando-se para trás conflitos que tenham ocorrido na década anterior. No seu modo de entender, a intenção era “fazer do

desporto um meio de aperfeiçoamento individual e coletivo, um fator de integração nacional, ou seja, criar um desporto que nunca dívida os cabo-verdianos, mas sim que os una cada vez mais, para a construção de uma Pátria forte e próspera” (BARROS, 1981, p. 16).

Isso se daria, segundo seu olhar, a partir de uma conciliação com o passado, com a inspiração dos momentos gloriosos de antanho. Lembra que o Clube de Golfe resistira aos momentos difíceis pelos quais passara nos primeiros anos da independência, em que “apossa-se das massas populares uma excessiva euforia, um chauvinismo desenfreado” que acabou por levar “ao cometimento de autênticos sacrilégios no tocante aos patrimônios históricos, culturais e desportivos” (BARROS, 1981, p. 16).

De fato, não era só uma lembrança, mas sim uma exaltação que fica clara ao citar os casos das agremiações de golfe de Angola e Moçambique, que não resistiram e fecharam as portas no pós-independência, para ele fundamentalmente porque a modalidade “não tinha nem raiz nem implantação populares” (BARROS, 1981, p. 21). Barros recupera, assim, a antiga representação de que em Cabo Verde não se tratava de uma prática de elite: “Não há no mundo outro clube de golfe, de raiz profundamente popular. Esta é a nossa coroa de glória que devemos manter a todo custo” (BARROS, 1981, p. 21).

Tal é sua vontade de retomar o passado que chega a sugerir que fosse feita uma “justiça histórica – agora que nos é possível fazê-la –, restituindo ao nosso Clube o seu verdadeiro nome de LORD GOLF CLUB DE S. VICENTE” (BARROS, 1981, p. 24). Na verdade, como vimos, essa sociedade foi, sim, muito importante, mas apenas uma das antigas agremiações que se uniram para formar a atual.

O que Antero faz é promover uma leitura heroica do passado, a seu ver forjado pelas características elevadas do cabo-verdiano. Mais do que exaltar a capacidade dos nativos de aprender o golfe e criar suas próprias iniciativas, ele chegou a fazer uma leitura anticolonial de parte da trajetória do Clube. Chegou a sugerir que os associados resistiram a uma injunção da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) por ocasião de uma visita de Adriano Moreira, à época Ministro do Ultramar. Segundo seu olhar, até mesmo reuniões políticas tinham sido realizadas na agremiação, “umas vezes conduzidas pelo nosso saudoso Mestre Baltasar Lopes e, outras vezes, pelo meu saudoso amigo e aluno Eng^o Manuel Rodrigues” (BARROS, 2008, s. p.).

Cláudio Furtado (2013) bem situa os olhares que se construíram nesse novo momento:

Nesse quadro, a comemoração do centenário do Movimento Claridade pelo regime político e a reinterpretação da saga dos claridosos, de forma particular de seu mais ilustre representante, Baltasar Lopes, significam a busca de um consenso, antes impossível e, neste momento, improvável. Na verdade, assiste-se a um processo de reinterpretação do Movimento Claridade, atribuindo-lhe uma dimensão e uma ação política, se não de rompimento, pelo menos de contestação ao poder colonial, reclamando a independência de Cabo Verde e, neste contexto, considerando-o como precursor da geração de Cabral (FURTADO, 2013, p. 8).

Vale destacar que o prefácio do livro de Antero Barros é de autoria de Baltasar Lopes. O notável literato, antigo praticante de golfe e criquete, manifestou ideias semelhantes sobre a modalidade:

Como se sabe, o golfe pertence ao número das atividades desportivas reservadas ao escol social, definido, em regra, pelas suas disponibilidades financeiras. Ora, em São Vicente assiste-se (assistiu-se sempre no que creio poder afirmar) ao fato curioso de a prática do golfe ter sido sempre livre, isto é, aberta a todas as camadas da população, bastando apenas o gosto pela modalidade e o mínimo de aparelhagem técnica (LOPES. *Prefácio*. In: BARROS, 1981, p. 5).

Seu olhar tinha uma intencionalidade clara. Vejamos como comentou a trajetória de João André Barros, o Nhô Fula, numa cerimônia em homenagem a esse que foi um dos mais célebres esportistas de Mindelo no período colonial:

Apregoamos que a superação da nossa insularidade e, com o estabelecimento de relações assíduas, a formação de uma consciência de unidade, precursora indispensável da independência, essa superação – dizia – foi em grande parte obra dos homens humildes e corajosos que, numa rotina diuturna de navegação costeira e estimada, levavam os veleiros de porto em porto (LOPES. *Prefácio*. In: BARROS, 1998, p. 73).

Claramente, Lopes tentava, se não minimizar, ao menos relativizar a aura heroica que persistia entre os que participaram dos conflitos da Guiné. Para ele, não se poderia esquecer e dever-se-ia exaltar o homem comum cabo-verdiano, aquele que, tendo permanecido no arquipélago e lidado diretamente com o jugo colonial, desenvolveu um modo peculiar de portar-se.

Como se tratava de elogiar uma suposta postura elevada e civilizada, Lopes contestava as linhas de desenvolvimento esportivo adotadas pelas instâncias governamentais. Segundo seu olhar, dever-se-ia investir naquelas modalidades que historicamente já vinham se estabelecendo como expressões do povo cabo-verdiano, como o golfe. No já citado prefácio de 1981, assim se posicionou:

Nunca se esboçaram, sequer, nas esferas governamentais as linhas mestras de uma política esportiva, melhor dizendo, de educação física. O resultado é que viemos a cair na inflação futebolística, com a total hegemonia da modalidade menos aconselhável, dentro do nosso condicionamento social e econômico, numa perspetivação do chamado desporto de massa (LOPES. *Prefácio*. In: BARROS, 1981, p. 7).

Pode-se ver que havia uma certa tensão no âmbito esportivo no que tange aos discursos identitários ao seu redor construídos. Isso não era novo. Nos anos 1940-1960, o futebol causara preocupação em algumas lideranças, por suplantarem as outras modalidades no interesse popular e pelas constantes turbulências que havia nas partidas. Na visão de alguns, isso maculava a autorrepresentação cavalheiresca construída acerca dos cabo-verdianos, que encaravam o arquipélago como terra da “morabeza”¹⁵ (MELO, 2011).

A despeito da importância dessa recuperação do valor do golfe no discurso de algumas lideranças, expressão das mudanças na compreensão do que deveria ser a nação, e mesmo de uma maior dinamização da modalidade, no cotidiano o esporte mais praticado e influente seguiu sendo o futebol, ao redor do qual percebe-se também o impacto do novo cenário, especialmente notável em duas ocasiões, em 1982, quando o país sediou a Taça Amílcar Cabral, celebrada como maior acontecimento da história esportiva de Cabo Verde até aquele momento, e, em 2000, quando Cabo Verde de novo organizou essa competição, dessa vez sagrando-se campeão.

A maior conquista esportiva internacional de Cabo Verde até então foi muito comemorada. Duas ocorrências, contudo, se destacam. Uma delas é o fato de que, como no mesmo dia o Sporting fora campeão português, na festa de celebração havia muita gente vestindo camisas dessa equipe, mais até do que da seleção nacional. No olhar do escritor e jornalista Odair Rodrigues:

¹⁵ Morabeza não tem uma tradução exata. Trata-se de uma expressão utilizada com o sentido de algo relacionado à gentileza, hospitalidade, amabilidade.

É uma triste aculturação dos jovens cabo-verdianos. Temos um fanatismo doentio por equipes de um país que nos dominou durante séculos e que depois votou-nos ao esquecimento nos seus manuais de História. Grande parte dos jovens estudantes portugueses desconhece a localização de Cabo Verde num mapa-múndi. Depois de termos sido colonizados por Portugal, hoje muitos portugueses sabem da nossa existência porque há cabo-verdianos nas terras lusas. Enquanto isso, somos mais benfiquistas do que um lisboeta. (RODRIGUES, 2010, s. p.)

O debate que se seguiu foi intenso e tocou em diversos temas candentes naquele momento no arquipélago: identidade europeia ou africana? Independência efetiva ou postura neocolonializada? Vale ter em conta que àquela altura já há cerca de uma década fora instituído o multipartidarismo, adotado em 1990. Na eleição, realizada no ano seguinte, venceu o partido de oposição (o Movimento Para a Democracia, MpD)¹⁶.

Em 1992, com essa mudança, foram instituídos novos hino e bandeira nacionais. Essas ocorrências são indicadores dos caminhos que a partir de então seriam adotados, inclusive de uma maior proximidade com o continente europeu, decisões tiveram impacto direto nas tensões identitárias, fazendo-se sentir também no cotidiano¹⁷.

Assim sendo, no ano 2000, quando se deu a grande conquista futebolística da seleção cabo-verdiana, no torneio que levava o nome do fundador da nacionalidade no sentido de uma via africana, os símbolos nacionais expostos já não lembravam o que fora propugnado no período da independência.

Repercussões de algumas dessas mudanças – na linha de construção identitária, na relação com o antigo colonizador e nas opções econômicas – são sentidas num episódio que envolveu o golfe na primeira década do século XXI.

Identities in crisis

No novo cenário, no arquipélago paulatinamente se adotou a estratégia de “extroversão da economia”, que buscava tirar proveito da situação geográfica do país a fim de “incentivar, apoiar e orientar a ação do setor privado para o desenvolvimento econômico de Cabo Verde,

¹⁶ O MpD ficaria no poder até 2000, quando o PAICV voltaria a governar o país.

¹⁷ Para um debate sobre o tema, ver Évora (2001), Mourão (2009), Furtado (2013) e Madeira (2013).

considerando o investimento estrangeiro essencial para a viabilização do projeto de expansão da economia nacional” (ELLERY, 2009, p. 63).

Para que se tenha uma ideia, de forma otimista (ou irrealista) estimava-se, em 2007, investimentos estrangeiros da ordem de 600 milhões de euros, prevendo-se, até 2010, aportes de até 4 bilhões e 400 milhões¹⁸. Nesse contexto, o turismo foi um dos setores que ganhou incremento¹⁹. Com isso, a antiga relação com o golfe foi reforçada, já que muitos dos grandes empreendimentos que se pretendia instalar em Santiago, Sal e São Vicente tinham como principal mote a modalidade, uma estratégia para atrair o turista de alta renda.

A diretoria do Clube de Golfe de São Vicente perspectivou aproveitar o momento e decidiu por tentar estabelecer uma parceria internacional que possibilitaria a renovação de suas instalações, considerando uma proposta que supostamente traria benefícios para Mindelo como um todo. Em junho de 2008, foi apresentada aos associados a proposta da Consolve Serviços e Gestão, uma empresa de capital português. A agremiação cederia uma grande extensão de seu terreno para a construção de um complexo turístico-desportivo, ficando com 15% de participação no empreendimento.

A assembleia que deveria decidir a questão foi tumultuada, se enfrentando os grupos contrários e favoráveis à proposta. O resultado foi parar nos tribunais, se arrastando por meses. Os posicionamentos que se publicaram nos jornais deixam transparecer algumas tensões identitárias e políticas em voga na ocasião.

Houve uma reação contrária imediata, se organizando os que não concordavam com a proposta ao redor de um lema emotivamente mobilizador – “O Clube de Golfe não está à venda” – título de um artigo de Antero Barros, publicado em O Liberal de 17 de maio de 2008. O ponto central da discórdia, entre outros, era a substituição do antigo campo de terra por um gramado com padrão internacional.

Barros, fazendo uso de sua bagagem simbólica e histórica, desencadeou os movimentos de contestação sugerindo que a agremiação não poderia ser maculada por ser portadora da memória de resistência popular, expressão da peculiaridade cabo-verdiana, um patrimônio nacional. A seu ver, a proposta, que ao fim elitizaria o acesso ao golfe,

¹⁸ Matéria publicada no sítio da Câmara de Comércio, Indústria e Turismo Portugal-Cabo Verde. Disponível em <http://www.portugalcaboverde.com/news_detail.php?id=169>. Acesso em: 11 mar. 2016.

¹⁹ Para mais informações, ver Brito (2010).

nada mais era do que obra de aproveitadores que passaram a atuar livremente com as novas opções econômicas adotadas pelo país.

A maioria dos leitores enviou mensagens de apoio a Barros, considerando um sacrilégio e uma traição ao passado a ideia de mexer no campo de terra. Já João Lizardo, na ocasião presidente do Clube, um dos que liderava o processo de aprovação da proposta, ponderou que jamais pensou em vender nada, sugerindo que a iniciativa, ao contrário, garantiria mais anos de vida à agremiação que passava por dificuldades, situação de que, provocou, as lideranças históricas não estavam a par por estarem afastadas, tendo somente uma visão superficial e ideal do arquipélago. Sobre Antero, afirma: “O sócio fundador, presidente e capitão abandonou a sua tripulação e não cumpre com o requisito básico de pagar a sua quota mensal há pelo menos vinte e cinco anos”. (LIZARDO, 2008)²⁰.

Entre os posicionamentos, pela primeira vez vemos emergir críticas a ideia de que o golfe era popular em Cabo Verde. Mario de Pina, que na infância morou próximo ao Clube e começou a atuar como *caddie* aos 12 anos, observou:

ser membro do clube de golfe não era para qualquer um. Antes de ser aceite como sócio tínhamos de responder um inquérito pior do que um inquérito policial. Por exemplo, uma pessoa desempregada ou com cadastro policial não podia ser membro do clube (...). Quem pertencia à pobreza como eu, não podia entrar para o clube. Jogar golfe, nem pensar. Nos anos 60 e 70 isso era quase impossível... (PINA, 2009, p. 7).

Para ele, a agremiação explicitava as divisões sociais do arquipélago:

O golfe foi praticado por um grupo restrito constituído pelas pessoas mais ricas da Ilha de São Vicente, pela elite mindelense. Só eles podiam jogar, os outros limitavam-se a carregar as bolas. Quem jogava golfe eram os ingleses e portugueses. Depois que os ingleses foram embora é que os crioulos tomaram conta do golfe (PINA, 2009, p. 8).

O intenso debate, de fato, teve duas posições polarizadas, de um lado se encontravam os que eram contrários à proposta por defender o passado glorioso do arquipélago, agora relido com tons anticoloniais, possível graças a peculiaridade do crioulo cabo-verdiano, o que ajudaria

²⁰ Essa carta, um panorama das discussões e outras informações sobre o Clube estavam disponíveis em: <<http://www.esnips.com/web/ClubedeGolfedeSoVicente>>. Acesso em: 11 jul. 2009 (foi retirado ao ar).

a explicar porque Cabo Verde seria o único lugar do mundo onde o golfe era popular. De outro lado, estavam os que, sem se julgarem traidores da tradição, ponderavam que as coisas não eram exatamente como os guardiões da memória diziam, que estavam tentando manter o Clube vivo e que tinham em conta o presente, as dificuldades desconhecidas por quem estava longe do cotidiano da agremiação. Para os primeiros, os segundos eram mercenários. Para os segundos, os primeiros eram sonhadores irrealistas.

A fala mais ponderada do jornalista e radialista Júlio Vera-Cruz (2009) ajuda-nos a entender melhor a natureza dos debates. Mesmo assumindo que não queria “pintar de cor de rosa tempos que, para a maioria da população de S. Vicente, se caracterizavam por uma luta constante pela sobrevivência, na esperança de um futuro melhor” (VERA-CRUZ, 2009), supondo que a “salvação” do clube não seria a saída para os problemas da Ilha, sugere que “não salvar o clube, contudo, certamente que piorará as coisas e a esse luxo não sei se nos podemos dar” (VERA-CRUZ, 2009). Ele deixa transparecer certa expectativa de quem não vive no arquipélago: “Como quase todos os cabo-verdianos fora de Cabo Verde, compartilho esse desejo de um dia poder voltar para a minha ilha. A questão é saber que ilha que irei encontrar” (VERA-CRUZ 2009).

Na verdade, nos posicionamentos se percebem embates múltiplos. Um deles era o enfrentamento entre o PAIGC e o MpD, algo que por vezes se confundia com as antigas rusgas entre São Vicente e Santiago. Luiz Silva (2009a), sociólogo e historiador estabelecido há muitos anos da França, um dos que assumiu a liderança na crítica à proposta da direção do Clube, relacionou o ocorrido com o abandono de Mindelo e sacramentou:

O povo de São Vicente quer participar nesta decisão que concerne a toda ilha seja por *referendum* se acaso a Câmara Municipal e o Governo não se sentirem à altura de tomar uma posição clara e definitiva. Mas o povo de Mindelo é perigoso nas urnas e estamos certos que saberá tomar a decisão mais justa para São Vicente. O povo de São Vicente votou pelo partido que defendia “o amor à Terra” e agora poderá votar contra “os que deixaram de amar a Terra” (SILVA, 2009a, s. p.).

A denúncia é generalizada, ambos os partidos teriam abandonado seus princípios em nome de interesses espúrios: “Ver hoje associados o ex-líder do MpD, Gualberto do Rosário, ao Nelson Atanásio, ex-presidente da Câmara Municipal em nome do PAICV ao tempo do

partido único, ou ainda o advogado Armindo Cruz, (...) é a coisa mais carnavalesca que já se viu nesta terra” (SILVA, 2009b).

Essa desordem política (Silva ironizou que “se vê pela primeira vez a união sagrada dos dois partidos (*MPD-PAICV*)” (SILVA, 2009b) teria, no olhar do autor, mais impactos negativos em São Vicente, um indicador de que seguia forte o processo de disputas entre as duas principais ilhas de Cabo Verde. Como sugere Almada (2007):

Perdurando até hoje, a supra-referenciada bicefalia cultural vem sendo fortemente marcada, nos tempos pós-independência, pela crise aberta da alegada (e, segundo alguns cépticos, muito auto-sugerida) primazia cultural do Mindelo. Essa crise deve-se à circunstância de a cidade da Praia se ter tornado não só capital política da república soberana, como também no principal centro populacional, social e económico de Cabo Verde e cidade detentora das mais importantes infra-estruturas culturais. Esta última circunstância começou a divisar-se com mais evidência na segunda metade dos anos oitenta do século vinte, para se tornar plenamente nítida a partir dos anos noventa do século transacto (ALMADA, 2007).

Nos debates sobre o Clube, emergiram também as discordâncias entre os mais velhos, que tinham maior relação com as antigas linhas de construção identitária, e os mais jovens, já não tão engajados nessa relação com o passado e diretamente atingidos por uma série de problemas do presente²¹. De forma um tanto impaciente, sugeri Luiz Silva (2009b) que na ocasião da assembleia:

A presença de muitos jovens na sala, recentemente admitidos como sócios e certamente recrutados à última hora para aplaudir as intervenções desequilibradas e intempestivas do Nelson Atanásio, que aliás já não surpreende ninguém na praça pública, deixava entender que algo se encontrava em grande perigo (a barriga, os bolsos) (SILVA, 2009b).

Esse viés do debate se articula com a questão da emigração, uma constante na história de Cabo Verde. Dados de Katia Cardoso, de 2004, indicam que havia cerca de 300.000 cabo-verdianos/familiares nos Estados Unidos, 83.000 em Portugal, 25.000 na França, 16.000 na Holanda, 3.000 em Luxemburgo, além de comunidades na Suécia, Noruega, Alemanha e Bélgica, entre outros países (inclusive o Brasil).

²¹ Para um debate sobre o tema, ver Martins (2010), Sousa (2013) e Roque e Cardoso (2013).

(CARDOSO, 2004). Informava, em 2010, o sítio oficial do governo de Cabo Verde:

A população residente no país é estimada em 434.263 habitantes, sendo uma população jovem com média de idade de 23 anos. A falta de recursos naturais e as escassas chuvas no arquipélago determinaram a partida de muitos cabo-verdianos para o estrangeiro. Atualmente a população cabo-verdiana emigrada é maior do que a que vive em Cabo Verde²².

O tema permanece atual. Recentemente, à guisa de fazer uma avaliação dos 40 anos de independência, o jornal Público, de Portugal, publicou longa matéria apresentando dados e demonstrando como tal fato se articula com o desenvolvimento econômico de Cabo Verde (HENRIQUES, BATISTA, 2015).

Esse foi outro assunto que veio à baila com o episódio do Clube de Golfe – os limites e problemas ocasionados pela eleição do turismo como uma das principais alternativas econômicas do país. Os contrários à proposta contestaram:

O turismo não é a solução para todos os males de Cabo Verde. E no seu bojo traz sempre outros problemas. Vejamos o exemplo da Tunísia que apostou totalmente no turismo e cuja balança de pagamentos é sempre deficitária devido as exigências de consumo de turistas e que tem encontrado uma oposição total das classes trabalhadoras, que sofrem na pele o aumento do custo de vida (O LIBERAL ONLINE, 2008).

Ninguém desse grupo se mostrou contrário ao turismo, reconhecendo que seria uma boa opção para o desenvolvimento de Cabo Verde. Todavia, sugeriram que a execução da proposta governamental estaria a ocorrer de forma mal estruturada, atendendo eminentemente a interesses particulares e desrespeitando os parâmetros culturais locais. A posição de Elísio Silva (2008) bem demonstra as insatisfações:

Este desenfreado loteamento que se está operando em Cabo Verde, faz-nos temer que num futuro bem próximo o cabo-verdiano terá que andar com um mapa no bolso para saber onde pisa. Em nome do progresso, vende-se tudo aos gringos privando-se aos filhos da terra do direito de usufruir daquilo que é dele. Mas tudo tem um limite. Preservemos, ao menos, aquilo que representa um patrimônio cultural da terra. E o Golfe Club de São Vicente o é (SILVA, 2008).

²² Disponível em: <<http://www.governo.cv/>>. Acesso em: 17 maio 2010.

Para Luiz Silva (2009c), a forma de encaminhar o desenvolvimento do turismo era uma falácia, não traria benefícios para todos, além de trair as tradições locais e o que pensaram os “construtores da nação”, semeando a divisão entre os cabo-verdianos. Até o nome de Amílcar Cabral foi mobilizado:

Nenhum país conseguiu sair do subdesenvolvimento investindo exclusivamente no turismo. É só ver a balança de pagamentos de alguns países do mediterrâneo como a Tunísia, os desequilíbrios sociais provocados pelas práticas abusivas das empresas turísticas, acompanhados pelo estabelecimento de mercados da droga e da prostituição, para se compreender do caminho que muitos políticos nos querem levar. A Ilha do Sal entregue aos italianos é o exemplo declarado duma política do turismo que não pode ajudar o desenvolvimento de outros setores da vida social e cultural do país. O turismo, quando bem pensado, poderia constituir uma alavanca cultural para a nossa economia e a cultura. A cultura cabo-verdiana foi posta de lado como acontece nas outras ilhas e as empresas turísticas já inventaram uma nova ilha que nada tem a ver com Cabo Verde. Será que esta política do turismo tem alguma coisa a ver com o pensamento econômico de Amílcar Cabral que visava integrar todas as forças produtivas da Nação no desenvolvimento de Cabo Verde? (SILVA, 2009c)²³.

Essas polêmicas se tornaram mais candentes quando a Câmara Municipal de São Vicente resolveu analisar irregularidades na venda de patrimônios públicos, entre os quais os terrenos do clube de golfe. Por esse motivo, pela articulação política e barulho dos que contestavam a proposta, mas também por questões eminentemente de natureza econômica, o negócio não foi adiante e o Clube de Golfe de São Vicente segue existindo, no mesmo lugar, bastante ativo²⁴.

Como podemos perceber, o golfe seguiu dramatizando as tensões e embates identitários e de projetos para o país. Afinal, em resumo, o que diziam os que contestavam a proposta é que nem o Clube nem a nação podiam ser vendidos.

Considerações finais

Estive três vezes no Clube de Golfe de São Vicente. Em todas elas, não pude conter meu fascínio. Não se tratou em hipótese alguma

²³ Para um debate acadêmico sobre os desafios do desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, ver Brito (2010).

²⁴ Nesse vídeo se pode ver algumas imagens de um torneio recém-realizado: <http://www.rtc.cv/tcv/index.php?paginas=45&id_cod=41369>. Acesso em: 12 mar. 2016.

de exotizar aquele incrível espaço, mas de ver materializado algo de um conjunto de experiências históricas que tive a oportunidade de investigar. Como aquela agremiação resistiu tantos anos? O quanto tem a nos dizer sobre Cabo Verde?

Comecei este artigo perguntando, com ressalvas, se seria possível pensar um país a partir de suas manifestações culturais. O caso do golfe em Cabo Verde parece reforçar aquelas compreensões iniciais. Certamente, a modalidade não pode ser tida como expressão plena de toda rica trajetória do arquipélago, mas ajuda-nos a lançar um olhar para sua história – tensões, embates, paradoxos, ambivalências, ambiguidades.

A existência ativa do Clube, que tanto impressiona aos que pouco conhecem da história cabo-verdiana, nos diz algo o processo de construção do país independente, o enfrentamento de desafios que pendem sobre todos os Estados. Deve-se ter em conta que se trata de uma experiência recente, em certa medida peremptória e desenvolvida em um território que não tem muitas riquezas, o que reduz as possibilidades de desenvolvimento.

De toda forma, mesmo com tantas dificuldades e percalços, não há como negar certos progressos. O IDH vem avançando, as taxas de pobreza extrema e de mortalidade infantil se reduzem, tem aumentado o nível de alfabetização e de formação educacional em todos os níveis, a democracia segue firme, com todas as tensões e debates usuais.

Haveria muitas explicações para tal processo. O que procuramos chamar a atenção neste artigo é para uma delas, a de natureza cultural, uma forte construção identitária que vem do período colonial, sofre abalos no início do período da independência, se ajusta nos anos 1980, é reconfigurada no momento de adoção do multipartidarismo, entra em crise na primeira década do século XXI, mas, de fato, jamais é abandonada e funciona com um importante esteio para a nação.

O golfe é um exemplo disso, ajudando-nos a refletir sobre a fascinante história daquele arquipélago que, localizado no meio do Atlântico, no imbricamento de vários caminhos, é um caso que nos ajuda a olhar de forma mais matizada para a experiência de constituição do Estado-nação no continente africano e, porque não dizer, no cenário universal.

Referências

ALMADA, José Luís Hopffer C. Capitalidades: um olhar retrospectivo sobre alguns aspectos da cultura e da história cabo-verdiana. *A Semana online*, Praia, 11 mar. 2007. Disponível em: <<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article23029>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. Elites intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 579-596, 2003.

_____. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro, não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BARROS, Antero. O Golf Club. *Arquipélago*, Praia, ano 1, n. 5, 20 set. 1962.

_____. *Subsídios para a história do golf em Cabo Verde*. São Vicente: Clube de Golfe de São Vicente, 1981.

_____. *Subsídios para a história do cricket em Cabo Verde*. Praia: COC/CPV, 1998.

_____. O Clube de Golfe de São Vicente não está à venda. *O Liberal online*, Praia, 24 jun. 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=14195&idSeccao=546&Action=noticia>>. Acesso: 9 jul. 2009.

BRITO, Brígida Rocha. *Turismo em meio insular africano*. Lisboa: Centro de Estudos Africanos, 2010.

CARDOSO, Katia Aline Lopes Rodrigues. *Diáspora: a (décima) primeira ilha de Cabo Verde. A relação entre a emigração e a política externa cabo-verdiana*. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos: Desenvolvimento Social e Econômico em África) – Lisboa: Instituto Superior da Ciência do Trabalho e da Empresa, 2004.

ELLERY, Daniele. *Identidades em trânsito*. Campinas: Arte Escrita, 2009.

ÉVORA, Roselma. *A abertura política e o processo de transição democrática em Cabo Verde*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, Gabriel. *Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Florianópolis/Praia: Editora da UFSC/Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 de junho de 1938, p. 3.

FURTADO, Cláudio Alves. Cabo Verde: dilemas étnico-identitários num território fluido. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 49, n. 1, p. 2-11, jan.-abr. 2013.

HENRIQUES, Joana Gorjão, BATISTA, Frederico. Cabo Verde: o país que tem mais gente fora do que dentro. *Público*, Lisboa, 5 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/o-pais-que-tem-mais-gente-fora-do-que-dentro-1700904>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

O LIBERAL ONLINE, Praia, 17 maio 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=13467&idSeccao=438&Action=noticia>>. Acesso em: 1 jul. 2009.

LOPES, José Vicente. *Cabo Verde: os bastidores da independência*. Praia: Spleen Edições, 2002.

MADEIRA, João Paulo. África versus Europa: Cabo Verde no Atlântico Médio. *Revista de Estudos Internacionais*, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 46-59, 2013.

MARANHAO, Tiago. “Apolíneos e dionísíacos”: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”. *Análise Social*, Lisboa, n. 179, p. 435-450, 2006.

MARTINS, Filipe. *O paradoxo das oportunidades*. Jovens, relações geracionais e transformações sócias – notas sobre Cabo Verde. Lisboa: Working Paper CRIA 4, 2010.

MARTINS, João Augusto. *Madeira, Cabo Verde e Guiné*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1891.

MELO, Victor Andrade de. *Jogos de identidade: o esporte em Cabo Verde*. Rio de Janeiro: Apicuri/CNPq, 2011.

_____. *A nação em jogo: esporte e guerra colonial na Guiné Portuguesa (1961-1974)*. Rio de Janeiro: PPGHC/UFRJ, 2015.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. Identidade em transição: Cabo Verde e a Taça Amílcar Cabral. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 50, p. 11-44, 2014.

MIRANDA, Nuno de. *Compreensão de Cabo Verde*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1963.

MOURÃO, Daniele Ellery. Guiné-Bissau e Cabo Verde: identidades e nacionalidades em construção. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 83-101, jan.-abr. 2009.

NOVO JORNAL DE CABO VERDE, Praia, n. 22, 9 jan. 1975.

OLIVEIRA, João Nobre de. *A imprensa cabo-verdiana: 1820-1975*. Macau: Fundação Macau, 1998.

PAPINI, Brita. *Linhas gerais da história do desenvolvimento urbano da cidade do Mindelo*. Mindelo: MHOP, 1982.

PEREIRA, Aristides. *O meu testemunho: uma luta, um partido, dois países*. Lisboa: Notícias, 2003.

PINA, Mario de. Depoimento. *Big Tree* – Boletim Informativo do Clube de Golfe de São Vicente, Mindelo, n. 2, fev. 2009.

RAMOS, Manuel Nascimento. *Mindelo d'outrora*. Mindelo: Gráfica do Mindelo, 2003.

RODRIGUES, Odair. Benfica ou Seleção Nacional? 2010. Disponível em: <http://www.nhaterra.com.cv/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=1722>. Acesso em: 11 mar. 2016.

ROQUE, Sílvia, CARDOSO, Kátia. Entre a marginalização e a securitização: jovens e violências em Cabo Verde e na Guiné-Bissau. *Revista Cabo-Verdiana de Ciências Sociais*, Santiago, ano 1, n. 1, p. 61-84, jan.-jun. 2013.

SILVA, Antonio Leão Correia e. *Nos tempos do Porto Grande do Mindelo*. Lisboa: CNCDP, 1998.

SILVA, Antonio Correia e. Crônica. *Alerta!*, Praia, ano 1, n. 1, 27 jun. 1974, p. 9.

_____. *Espaços urbanos de Cabo Verde – o tempo das cidades-porto*. Praia/Mindelo: Centro Cultural Português, 2000.

SILVA, Elisio. Seção de comentários. BARROS, Antero. O Clube de Golfe de São Vicente não está à venda. *O Liberal online*, Praia, 24 jun. 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=14195&idSeccao=546&Action=noticia>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

SILVA, Luiz. Por amor aos terrenos do golf a festa continua... *A Semana online*, Praia, 8 mar. 2009a. Disponível em: <<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article39741>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

_____. A envergonhada guerra do golf de São Vicente. *O Liberal online*, Praia, 3 mar. 2009b. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=64&id=22468&idSeccao=527&Action=noticia>>. Acesso em: 26 jun. 2009.

_____. O golfe em São Vicente – escola de civismo, de humilde e solidariedade. *O Liberal online*, Praia, 6 mar. 2009c. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=64&id=22505&idSeccao=527&Action=noticia>>. Acesso em: 26 jun. 2009c.

SOARES, Antonio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003. p. 145-162.

SOUSA, Nardi. A outra face do Janus cabo-verdiano: uma análise crítica da violência juvenil em Cabo Verde. *Revista Cabo-Verdiana de Ciências Sociais*, Santiago, ano 1, n. 1, 27-60, jan.-jun. 2013.

VERA-CRUZ, Júlio. Seção de comentários. BARROS, Antero. O Clube de Golfe de São Vicente não está à venda. *O Liberal online*, Praia, 24 jun. 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=14195&idSeccao=546&Action=noticia>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

VOZ DI POVO, Praia, ano 1, n. 18, 21 nov. 1975.

VOZ DI POVO, Praia, ano 4, n. 188, 18 abr. 1979.

VOZ DI POVO, Praia, ano 5, n. 239, 20 set. 1980.

Recebido: 23 de janeiro de 2016

Aprovado: 14 de abril de 2016

Autor/Author:

VICTOR ANDRADE MELO <victor.a.melo@uol.com.br>

- Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua no Programa de Pós-Graduação em História Comparada e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Entre suas publicações recentes, destacam-se *O Esporte no Cenário Ibero-americano* (7 Letras, 2015) e *Rio Esportivo – Uma História do Esporte na Cidade* (Casa da Palavra, 2015).
- Professor at the Universidade Federal do Rio de Janeiro, working in the Post-Graduation Program in Comparative History and the Post-Graduation Program in Education. Stand out among his recent publications: *O Esporte no Cenário Ibero-americano* (7 Letras, 2015) and *Rio Esportivo – Uma História do Esporte na Cidade* (Casa da Palavra, 2015).